Pichações e grafites nos muros urbanos: imersão etnográfica e possibilidades de aplicação pedagógica[1]

Júnia MARTINS[2]
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

O presente trabalho apresenta um esboço de análise sobre as possibilidades de utilização da comunicação visual dos muros urbanos como instrumento pedagógico para a educação popular. Trata-se de um estudo indicial, com levantamento de obras e autores possíveis para a execução da pesquisa e indicação de conceitos básicos inerentes. Transcorre sobre a observação da cidade como sistema vivo a partir dos estudos de José D'Assunção Barros; e cita a noção de espaço sob a fala de Milton Santos. O grafite e a pichação também são delineados do ponto de vista do sentido e prática sociais da cultura juvenil. Baseado no método etnográfico, o estudo se mostra sob a análise dialética, de viés qualitativo, e propõe a utilização da fotografia como um dos instrumentos auxiliadores da investigação.

Palavras-chave: Pichação; Grafite; Comunicação visual; Cidade; Educação popular.

Introdução

Nas últimas décadas, a educação tem inserido em suas atividades pedagógicas diversos elementos midiáticos dispersos no cotidiano citadino – textos jornalísticos, quadrinhos, filmes, materiais em áudio, fotografias, propagandas e outros conteúdos audiovisuais – como recursos complementares ao processo de ensino-aprendizagem. Entre os conteúdos levados à sala de aula, nem sempre a estética da cidade em si, com sua riqueza de recursos visuais, é vislumbrada como *medium*, como instrumento catalisador da reflexão e leitura de mundo. Citamos aqui as mensagens deixadas nos muros como um desses instrumentos potencializadores normalmente desprezados.

Quer sejam em forma de textos imagéticos ou escritos, as mensagens nas paredes urbanas decerto incitam mais que pura intervenção do autor no espaço público, podem

[1] Trabalho apresentado no DT 8: GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, no XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 05 a 09 de setembro, na Universidade de São Paulo (USP).

[2] Mestra em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), especialista em Leitura pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), graduada em Rádio e TV pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Diretora-secretária da Rede Folkcom e pesquisadora do Grupecj-UFPB. Email: juniamartins@hotmail.com.

simbolizar uma válvula de escape de movimentos sociais, refletir o pensamento e as inquietações de determinados grupos socioculturais, as questões silenciadas pelos *mass media*, as formas de resistência, as circunstâncias que exigem atenção da sociedade – visto que "toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal ou contra algo e contra alguém, nem sempre claramente definido". (FREIRE, 2011, p. 136)

Em um olhar preliminar pela cidade de João Pessoa, por exemplo, verificamos que há mais grafitagens e pichações concentradas em bairros populares que naqueles considerados nobres; o que talvez reforce não apenas a necessidade de inscrição dos sujeitos no espaço urbano, mas também a assertiva dos muros como a mídia dos menos favorecidos socialmente. Em outra perspectiva, as paredes da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) também revelam temáticas como opressão à mulher, ao negro e ao homossexual; domínio dos meios de comunicação; preço da passagem do transporte público coletivo; legalização do aborto, entre outros. Existe relação entre as mensagens encontradas nas paredes da universidade e aquelas exteriores a ela? Como essas mensagens podem ser trabalhadas enquanto instrumento pedagógico para a educação popular?

O estudo presente é apenas um esboço sugestivo de uma pesquisa que demanda avaliação mais profunda, que possa ir além da aparência indicial instigada pela leitura dos textos nas paredes. Um estudo que possa executar um mapeamento dos discursos tangentes a essas mensagens, permitindo uma "etnografia dos muros"; propiciando ainda um laço entre esses discursos e o processo educativo; na crença de que muitos desses muros não são somente paredes, e sim, janelas.

A cidade como espaço de movimento

Embora etimologicamente a noção de espaço esteja vinculada ao vácuo, ao vazio, a uma extensão indefinida, quando relacionado à cidade, o termo ganha nova roupagem. O espaço das ruas, praças, muros, *outdoors* e todos aqueles em que transitam imagens, objetos, seres e pessoas, são meios e mensagens a um só tempo; dinâmicos, eles comunicam e dão movimento à *urbis*, entendida como sistema vivo, pulsante, metamorfósico. Desse modo, o espaço na cidade se constitui como

> algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p. 46)

Ao analisar o conceito de cidade ao longo do tempo, José Barros (2011) assinala que, na Antiguidade, os poetas, artistas e filósofos buscavam capturar a essência dos fenômenos ligados ao viver urbano; essência que era materializada em textos e obras de artes diversas. A ocupação do espaço, nesse sentido, se vinculava a representações e reflexões sobre o estar na cidade, a como se relacionar com ela, com as pessoas e as coisas.

Ao percorrer o caminho do século XIX à contemporaneidade, Barros mostra como o espaço citadino passou de uma visão institucional à ecológica; com realce ao uso das imagens na construção desse território.

Durante o século XIX, os estudos dos fenômenos da cidade se voltam à sua descrição no campo institucional; impulsionados pelas análises de Karl Marx e Engels, as quais permeiam as formações econômicas pré-capitalistas e a situação da classe operária. “Entre aqueles que refletiram sobre os aspectos institucionais da questão urbana no século XIX, alguns autores mostram uma tendência a entender a cidade não como um estado derivado da natureza, mas como uma parte da própria natureza”. (BARROS, 2011, p. 22).

No século seguinte, a pergunta “o que é a cidade” encontra inicialmente respostas metafóricas, quando a própria ciência lança um olhar de embevecimento sobre a rotina da cidade. Mais adiante, a Informática e a Internet corroboram para este quadro. A relação espaço-tempo é reconfigurada, tais quais a centro-periferia e a urbano-rural. As cidades se aproximam e a interação se faz palavra-chave dos relacionamentos em rede. Intersubjetividade e objetividade dimensionam de forma complexa o espaço urbano, agora ainda mais bombardeado por textos e imagens. As relações mercadológicas se intensificam, a temporalidade é ressignificada; a cidade se estabelece como lugar de trocas simbólicas afetivas e materiais, porém, velozes, passageiras, fragmentadas.

Outros modelos de cidade são mencionados por José Barros – a cidade como artefato, a orgânica, a prática, a cósmica, a aberta, a fechada, a sob tutela. Ganham destaque, contudo, os modelos biológico e o ecológico, aos quais o autor tece desdobramentos:

> Os modelos biológicos utilizados para a compreensão das cidades e dos processos de crescimento urbano remetem a duas vertentes. De um lado, a comparação da cidade com um organismo vivo, seja um organismo complexo formado por vários órgãos que desempenham funções diversas, seja a célula, notando-se que este modelo é frequentemente utilizado para a visualização dos processos de crescimento urbano. De outro lado, a cidade pode ser apreendida como ambiente ecológico, uma vez concebida a ecologia como um estudo dos seres vivos em relação com o seu ambiente. Assim, este último modelo abarca a interação dos seres vivos não apenas uns com os outros, mas também a sua interação com o ambiente inorgânico. (BARROS, 2011, p. 27)

De todos os modelos abarcados por Barros, "a cidade como texto" parece remeter umbilicalmente ao tema da comunicação visual dos muros tratado neste estudo. A cidade, visualizada como sistema, fala, apresenta enunciados, emoções olfativas, visuais e táteis. É a cidade, simultaneamente, inspiradora do discurso, mantenedora dele e também o discurso em si. Ao percorrê-la, o transeunte pode encontrar diversas cidades à medida que traça distintas trajetórias. Há similaridades que a aproximam de outros territórios – visto que o sistema capitalista impera lógicas semelhantes em sítios distintos, padronizando-os –, mas também particularidades, singularidades identitárias distribuídas pelo espaço que acionam o olhar de quem por ela passa. O transeunte se insere, assim, numa rede polifônica de discursos, da qual ele é espectador e personagem a um só tempo.

> Ao caminhar pela cidade, cada pedestre apropria-se de um sistema topográfico (de maneira análoga ao modo como um locutor apropria-se da língua que irá utilizar) e, ao mesmo tempo, realiza este sistema topográfico em uma trajetória específica (como o falante que, ao enunciar a palavra, realiza sonoramente a língua). Por fim, ao caminhar em um universo urbano no qual muitos outros caminham, o pedestre insere-se em uma rede de discursos – em um sistema polifônico de enunciados, partilhado por diversas vozes que interagem entre si (como se dá com os locutores que se colocam em uma rede de comunicações, tendo-se na mais simples "conversa" um dos exemplos mais evidentes). (BARROS, 2011, p. 32)

As vozes nos muros da cidade – textos publicizados nem sempre em lugares públicos – imperam na direção da formação de sentidos em meio à transitoriedade do tempo e das pessoas. Política, educação, ética, economia, cotidiano, arte, poesia; tudo passeia nos muros da cidade. São frases, figuras, textos, conteúdos às vezes fugidios e, em outros instantes, capturados por lentes fotográficas que disseminam e alongam a vida das imagens em múltiplas redes sociais.

No século XXI, a Internet ressemantiza o muro, impulsiona o aflorar de opiniões sobre as práticas sociais da pichação e do grafite; inspeciona seus conteúdos, estimula debates além-fronteiras. Os fenômenos da pichação e do grafite, presentes em todo o mundo, atualizam temas em rede, criam e recriam guetos, ampliam falas, midiatizam quereres individuais e coletivos; inscrevem-se na dinâmica do movimento urbano como arte, como risco, feiura e beleza, desenho e letra, como fragmentos de imagens dispostos tais quais livros abertos nas linhas da cidade.

Aproximações entre pichação e grafite

Quase 80 anos depois da publicação de "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica", de Walter Benjamin, continuamos a fazer a mesma pergunta quanto ao que deve ou não ser considerado arte. Características amplas e passíveis de contradição como singularidade, unicidade e autenticidade ainda permeiam o diagnóstico desse questionamento.

O *graffiti*, que conquistou recentemente no Brasil o *status* de arte, atualmente é contemplado por editais governamentais e de outras instituições; é apreciado em galerias, painéis de empresas, intervenções de congressos científicos e culturais. Mas nem sempre foi assim. Quando aqui chegou por volta da década de 1980, tal qual seu nascedouro – Nova Iorque, onde o movimento se deu cerca de dez anos antes –, impactou como elemento do movimento *Hip Hop*, como ação de contracultura, de afirmação da periferia no espaço urbano, de demonstração da força criadora dos jovens sócio e economicamente marginalizados.

Normalmente vinculada aos guetos, ao *break* e ao *rap*, a arte do *graffiti* nasceu sob o estigma de cultura menor, sob preconceito (ARAÚJO; COUTINHO, 2008). No Brasil, com o passar dos anos, artistas como OsGemeos, Speto, Binho Ribeiro e Kobra tornaram-se bastante conhecidos, assinando o País no cenário internacional, todos a partir de São Paulo. Kobra, inclusive, lançou o projeto Muro de Memórias, "que busca transformar a paisagem urbana com referências de outras épocas. O projeto está presente em cidades como Atenas, Lyon, Londres, Nova York, Miami e Los Angeles".[3]

[3] Conheça alguns dos maiores grafiteiros do Brasil. In: Guia da Semana, São Paulo, 11 de novembro de 2014. Disponível em http://migre.me/sgFBb, acesso em 20 de novembro de 2015.

Por outro lado, a pichação permanece como ação *underground*, à margem da margem, consubstanciando-se como crime previsto em lei[4]. No entanto, assim como a grafitagem, está relacionada às culturas das periferias, impregnada de linguagem popular, de discursos contra-hegemônicos (ZAN et al., 2010). A diferença entre uma e outra, do ponto de vista estético, está no visual mais elaborado, na utilização maior de cores e desenhos no *graffiti;* enquanto que a pichação geralmente apresenta visual mais agressivo, monocromático e se mostra predominantemente em forma de palavras, símbolos ou mesmo riscos estranhos à decodificação. Porém, embora pareça haver distinção clara entre as duas, Alexandre Pereira (2005) afirma que tal separação é bem peculiar apenas no Brasil, pois em outros países, a pichação é vista como um estilo da grafitagem – o que pode ser observado, por exemplo, nas imagens do premiado documentário *Bomb it,* dirigido por Jon Reiss, lançado em 2007.

Reiss viajou pelos cinco continentes a fim de capturar os movimentos de grafite mais importantes do mundo. Ele apresenta esses movimentos como intrínsecos à cultura juvenil, subversivos e controversos. O impacto das pichações e grafitagens no espaço urbano também já foi tema de outros documentários como o clássico *Style Wars* (1983), que traz os conflitos entranhados na "subcultura adolescente" disseminada em Nova York na década de 1970; *Graffiti Fine Art* (2013), que levanta o questionamento se o grafite é arte e se permanece grafite quando inscrito fora das ruas; *Graffiti Wars* (2011), centralizado nas figuras de dois dos artistas mais conhecidos da área, Banksy e Robbo, em suas criações e conflitos; e Pixo (2009), documentário impactante realizado por João Wainer e Roberto Oliveira.

Pixo apresenta imagens polêmicas do cenário da pichação em São Paulo, costurando relatos de jovens e suas aventuras na noite paulista. Além de perpassar o contexto histórico da prática da pichação, o documentário não se exime de mostrar os conflitos com a polícia, a ousadia do jovens nas intervenções urbanas, o heroísmo assimilado pelos grupos em relação aos pichadores mais ousados, e a linguagem própria de demarcação de territórios na cidade – que chega a atrair curiosos e pesquisadores de

[4] Artigo 65 da Lei de crimes ambientais (nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998), que dispõe sobre sanções provenientes de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, onde se lê:
"Art. 65. Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano: (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011)
Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa. (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011)." Disponível em http://migre.me/umBEM. Acesso em 20 de novembro de 2015.

diferentes partes do mundo. As paredes riscadas que para uns se apresentam como sinônimo de sujeira e vandalismo, para outros representam criatividade e beleza.

O conceito do belo, contudo, não é ponto nevrálgico da pesquisa aqui proposta; não é nossa intenção responder à pergunta lançada por Benjamin, até mesmo porque, muitas vezes, a discussão sobre o germe que mobiliza pichadores e grafiteiros parece se aproximar da relação entre estabelecidos e *outsiders* (ELIAS; SCOTSON, 2000). O que deve ser enfatizado, portanto, é a possibilidade de utilização do conteúdo disponibilizado pelos muros urbanos a fim de apreender os seus discurso; perscrutar tal prática social enquanto demarcação do espaço citadino pela cultura juvenil; e significar esses fatores como práticas pedagógicas para a educação popular.

Possibilidades de pesquisa sobre a comunicação visual dos muros como instrumento para a educação popular

Nosso intento é desenvolver uma pesquisa que perceba os interstícios das mensagens grafitadas ou pichadas, estabelecendo posteriormente contato entre os artistas que deixam suas marcas nas ruas e aqueles que deixam nas paredes da universidade. A partir daí, será construído um discurso coletivo que possa ser instrumentalizado pedagogicamente. Queremos também ter a percepção do impacto dessas mensagens no público que as lê e as ressemantiza, tomando como referência sua identidade, histórico, seu lugar de fala. Tudo isso construído de modo dialógico, coletivizando individualidades, partilhando e absorvendo saberes em conjunto.

Pretendemos, destarte, não apenas estreitar as fronteiras entre o pensamento da academia e o da comunidade, mas especialmente reverberar o discurso além dos muros, ainda que haja a estigmatização da pichação e do grafite como práticas culturais de menor valor – circunstância que corrobora para o enlace desse estudo ao campo folkcomunicacional, no entendimento dessas atividades culturais como mídia de grupos socialmente marginalizados.

Acreditamos que, ao levar para a sala de aula fotografias ou textos transcritos dos muros, estaremos não somente ampliando as possibilidades de práticas pedagógicas, como também executando-as com maior motivação, ao passo que o olhar dos discentes sobre os

espaços da cidade pode ser aguçado e, simultaneamente, contribuir com a pesquisa ao resvalar o conteúdo apreendido e suas percepções intrínsecas.

Os conflitos inerentes às pichações e grafites podem ganhar campo de discussão na sala de aula, levantando questões imbricadas social, política, cultural e economicamente. Conceitos como identidade, individualidade, arte, estética, legalidade, juventude, entre outros, podem, por sua vez, catalisar enriquecedoras discussões, favorecendo construções e reconstruções de fala, projetos e ações.

O contato com o número máximo possível de pichadores e grafiteiros, circunscritos num recorte de campo predeterminado, auxiliará na análise desses sujeitos como seres históricos e sociais, permitindo o perscrutar dos seus propósitos e sensações ao deixarem suas marcas pela cidade.

Neste ínterim, contaremos com o apoio da obra organizada por Graziela Bedoian e Kátia Menezes (2008), que aponta os horizontes sociais do *graffiti*; com os escritos de Luiz Beltrão (2001), que abordam a cultura popular como mídia dos socialmente marginalizados, com base na folkcomunicação; e com o texto de Damian Platt e Patrick Neate (2008), que traz a cultura enquanto arma da favela, situando a comunidade periférica como a alma da cidade.

O geógrafo Milton Santos (2013) nos auxiliará nas análises sobre a "centralidade da periferia" no mundo globalizado; na definição de conceitos intrínsecos ao espaço e à territorialidade; e na percepção de que "cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente" (SANTOS, 2006).

Antonio Gramsci (1981), por sua vez, contribuirá com as abordagens sobre hegemonia e contra-hegemonia; enquanto Erenildo João Carlos e Dafiana Vicente (2011) cooperarão para a construção de uma proposta pedagógica viável que enlace a comunicação visual e a educação crítica sob a ótica freireana, corroborando para a pesquisa da leitura dos muros e do uso estratégico da mesma na educação popular.

Tomamos a educação popular como uma teoria do conhecimento que privilegia o empoderamento, a participação e o saber populares como elementos raízes para o ensino e a aprendizagem. Paulo Freire norteará, portanto, este estudo, especialmente no perpassar de temáticas adjacentes como a ação cultural para a liberdade (FREIRE, 1987); respeito à autonomia do ser e os saberes necessários à prática educativa (FREIRE, 2011).

Quando nos remetemos aos saberes populares, vale lembrar que "um saber da comunidade torna-se o saber das frações (classes, grupos, povos, tribos) subalternas da sociedade desigual". (BRANDÃO, p.16)[5]

A leitura dos muros será considerada enquanto exercício que não se estabelece como mero ato de decodificação dos signos, como processo mecânico controlado por estímulos e respostas. De outro modo, tampouco será respaldada somente como conexão de imagens, palavras e frases fora do contexto real do qual elas nascem, do qual elas têm origem. A leitura será absorvida como um ato inteligente, crítico e reflexivo, que caracteriza o ser humano como humano porque ela se estabelece exatamente como ação de compreensão do mundo, das coisas e do outro, de nós mesmos e da realidade que nos cerca; por isso, um exercício constante. Portanto, a leitura aqui proposta considerará a definição lançada por Carlos Luckesi:

> [Leitura] **É o exercício da captação, através dos mais variados símbolos, sinais e manifestações, da informação, conteúdo e mensagem que os outros nos transmitem sobre a realidade, tanto nossa quanto deles**. É o exercício do intercâmbio entre as informações recebidas. É o exercício da capacidade de formar nossa própria visão e explicação sobre os problemas que enfrentamos e que se constituem, para nós, em constante provocação no sentido de lhes oferecer respostas e soluções adequadas. (LUCKESI et al., 1991, p.122; grifo nosso).

Logo, se nos direcionarmos à leitura de mundo (FREIRE, 1989), podemos dizer que todo ser humano possui a capacidade de ler. Todo ser humano sabe ler, pode ler e de fato, lê. E cada leitor traz em si o seu registro histórico, seu mosaico de sentidos de acordo com as experiências vividas. Nisto, podemos dizer que um mesmo objeto observado por muitos sujeitos terá várias leituras, dependendo do lugar da fala de cada indivíduo; corroborando para uma leitura que poderá ser múltipla, ambígua ou plural, mas jamais "qualquer leitura" (ORLANDI, 1998, p.208).

Unir as vozes de quem deixa suas mensagens nos muros com aquelas de quem as leem talvez ceda abertura à costura de uma narração coletiva enriquecedora em afirmação de identidades, perspectivas e ampliação de fronteiras; estimulando espaços e sujeitos dialógicos, que crescem, sobretudo, com as diferenças e no respeito a elas.

[5] Ver referência completa.

Abordagens finais: objetivos e procedimentos metodológicos

O objetivo primeiro da pesquisa proposta é encontrar formas de utilizar a leitura de mensagens grafitadas e pichadas em muros urbanos como instrumento pedagógico no processo de ensino-aprendizagem da educação popular. Para tanto, pretendemos 1. fotografar e selecionar mensagens grafitadas ou pichadas em muros da cidade de João Pessoa; 2. Dialogar com atores sociais que deixam suas mensagens nos muros da universidade e fora dela, a fim de perceber os discursos que permeiam seus trabalhos; 3. Identificar a reação dos leitores dessas imagens e seus discursos inerentes; 4. Reunir autores e leitores das mensagens, a fim de construir uma narrativa coletiva e dialógica das mensagens selecionadas; 5. Traçar metodologias de uso da leitura de muros pela educação popular; 6. Desenvolver material instrucional de uso da leitura de muros pela educação popular.

Na tentativa de obter maior familiaridade com as teias estabelecidas entre o sujeito/ator e as mensagens fixadas nos muros, será utilizada a gravação de entrevista com base em história oral – com autores e leitores das mensagens nos muros – e o registro fotográfico como principais instrumentos.[6] Entre as questões prioritárias, serão observadas: 1. Quais as temáticas mais prevalecentes nos muros?; 2. Existe contraste de temas por bairros?; 3. Quais os impactos dessas mensagens no público que as lê?; 4. Quem são os autores das pichações e dos grafites?; 5. É possível estabelecer diferenças e semelhanças quanto ao discurso dos autores das mensagens nos muros da universidade[7] e daqueles exteriores à universidade? O resultado de tais indagações será abordado com base na Análise Crítica do Discurso (ACD), buscando relação harmônica com temas transversais dos PCN's.

Além de Célia Magalhães (2011), a perspectiva da ACD terá conformidade com o pensamento de Teun van Dijk (2008), que assinala o discurso não somente no campo da língua, mas como linguagem contextualizada num ambiente histórico, político e cultural, logo, como instrumento de poder.

Ao final da pesquisa, pretendemos criar material instrucional – *a priori*, uma cartilha ou um vídeo –, que possa auxiliar a discussão sobre os textos dos muros, o enlace

[6] Serão fotografados muros na cidade de João Pessoa.
[7] Universidade Federal da Paraíba, campus I, João Pessoa.

desses com as questões do espaço urbano e seus discursos intrínsecos; de modo a corroborar com o processo educativo e transformador suscitado pela educação popular.

Referências

ARAÚJO, Marianna; COUTINHO, Eduardo. Hip Hop: uma batida contrahegemônica na periferia da sociedade global. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (Orgs.): **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: Educ, 2008.

BARROS, José D'Assunção. As Ciências Sociais e os modelos de cidade. **ArquiteturaRevista.** v. 7; n.1; p. 21-33; jan-jun de 2001. São Leopoldo: Unisinos.

BEDOIAN, Graziela; MENEZES, Kátia (Orgs.). **Por trás dos muros:** horizontes sociais do graffiti. São Paulo: Petrópolis, 2008.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BRANDÃO, Carlos Henrique. **O que é educação popular.** Disponível em http://ifibe.edu.br/arq/20150911222003155692216 8.pdf, acesso em 12 de novembro de 2015.

CARLOS, Erenildo João; VICENTE, Dafiana do Socorro Soares (Orgs). **A importância do ato de ver.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

DIJK, Teun van. **Discurso e poder.** São Paulo: Contexto, 2008.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 11ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. Col. Polêmicas do Nosso Tempo. Vol.4. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** São Paulo: Cìrculo do Livro, 1981.

LUCKESI, Carlos; BARRETO, Elói; COSMA, José; BAPTISTA, Naidison. **Fazer universidade:** uma proposta metodológica. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1991.

MAGALHÃES, Célia. **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. Belo Horizonte: Editora da Faculdade de Letras da UFMG, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A leitura e os leitores.** Campinas-SP: Pontes, 1998.

PEREIRA, Alexandre B.. **De rolê pela cidade:** os pichadores em São Paulo. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Orientação: José Guilherme Magnani.

PLATT, Damian; NEATE, Patrick. **Cultura é a nossa arma:** Afroreggae nas favelas do Rio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2006. *Ebook.* (Coleção Milton Santos; v. 1).

_____. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 23 ed.. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2013.

ZAN, Dirce; BATISTA, Elise; CAMPOS, Maria Teresa de A.; RAGGI, Nathália; ALMEIDA, Tatiana L.. Grafite e pichação: formas de resistência e participação juvenis?. **Revista Educação**. Santa Maria-RS, v. 35, n. 3, p. 465-478, set./ dez. 2010.